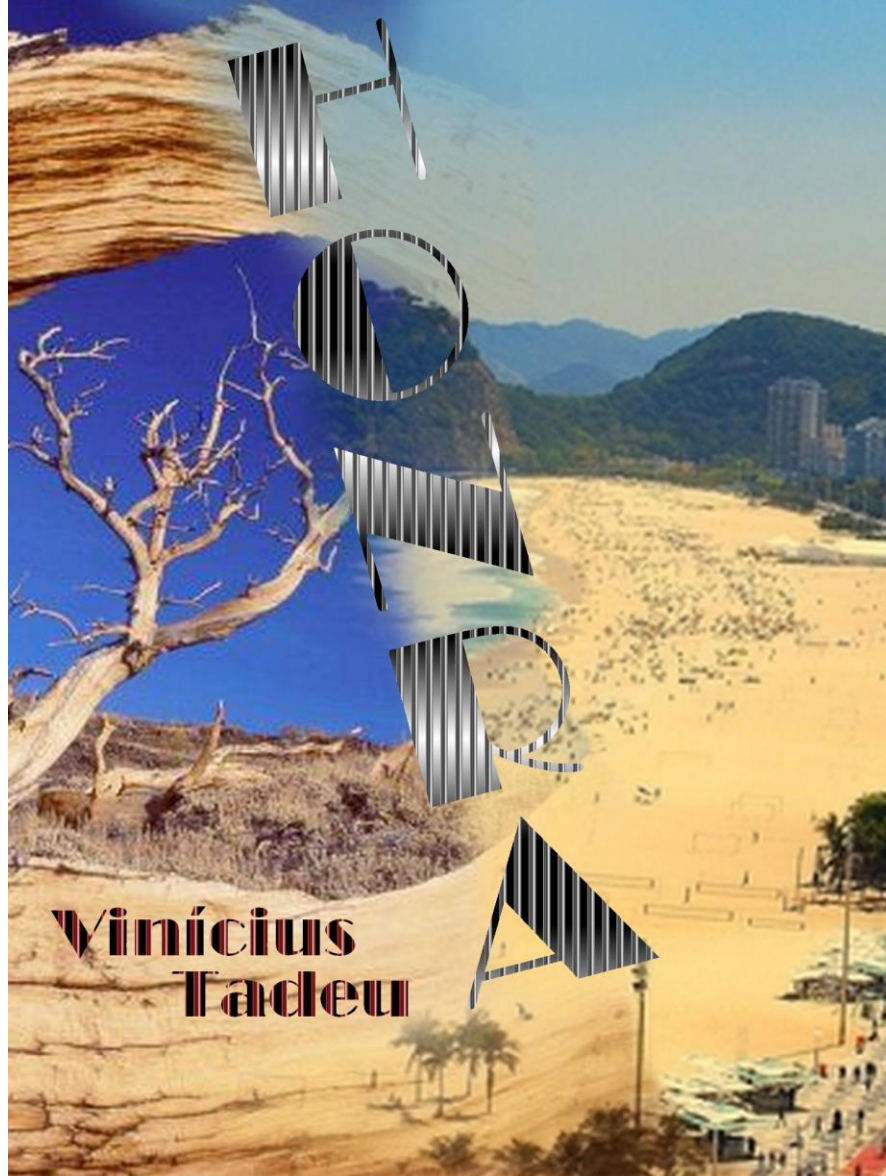


As faces da



**Vinícius
Tadeu**

AS FACES DA HONRA

Com a violência presente em todo noticiário, deve ser normal o medo que se sente. É um pesadelo diário e acordar assustado é a rotina da gente.

Aquela noite não foi diferente, um tiro ecoou e acordei de repente, mas não cheguei levantar, pois não sou tão valente.

Meio sonolento comecei a pensar em uma cena de luta das quais só ouvia falar. Aos poucos adormeci ou tive uma visão, mas podia ser um sonho começando se formar.

Vi-me em uma favela, mais especificamente em uma viela daquele estranho lugar. Havia gente falando em um linguajar diferente e mesmo sem saber por que comecei a acompanhar.

— Aqui é Morte Certa e eu mando no *lugá*, não *dô* arrêgo a meganha que aqui *vié pisá*.

— Aquele é Chico Testa e nasceu pra *matá*, degolou o primeiro homem assim que aprendeu *andá* — falava um bajulador para o outro escutar.

O elogio fez efeito e o valente se pôs contar de tudo que tinha feito.

— O primeiro matei aos oito, pois queria me *estuprá*. Em casa *nóis era in déis* e eu o mais *novim*, mas logo matei o mais *véio*, pois queria me

roubá. Depois de um assalto, voltei *presse lugá* e uns *parsa vagabundo quiséro* me *depená*; dos três não matei um, mas fugiu pra *num vortá*.

— Conta pra mim *du acunticido* onde *ocê matô* um seu *subrim* e depois daquele *otro* quando, mesmo sem *mardadi*, *matô* o seu *cumpadi* — o puxa-saco voltou a falar, olhando pra todo lado, com muito gesticular.

— Desses *num mi orguio*, *pur* isso *num vô contá*, mas fica *ocê* sabendo *qui inté* cheguei *chorá*.

— E das suas *tatuage*, isso *ocê* pode contar — insistiu o mesmo homem no intuito de agradar.

— *Pur casu* das *otras mortis quiseru mi interná* e *mandaro* dois *puliça cum órde di mi levá*. É esses dois *palhaço*, *mais* depois tem muito mais, só deixei *di tatuá pur farta di lugá*. Falam *qui tô* errado *i qui* tenho *di pagá*, mas quero *vê* quem *mi defendi* quando *estô* nesse *lugá*.

— Ao todo são cem *mortis* é o que escuto falar — movendo os dedos das mãos, o outro se pôs somar.

— Até *intão* é isso, *mais* pra *puliça* é muito mais; *colocar* na minha conta *tudu qui num pudéru ixplicá*. Logo *dispois* disso *mandarú* muito mais *genti*, mas só *vortô* um *repórti prunque num matu inocenti*; foi ele *qui publicô* *qui* ninguém *mi*

prendia, pois a tropa levava tiro sem sabe *di ondi* saia.

Nisso o sonho mudou para a beira do cais, no convés de um navio onde estavam um jovem e seus pais. A mulher sempre calada, no braço do filho agarrada, acompanhou a continência dos dois homens de farda.

— Pai, eu vim pedir sua benção, pois dentro de poucas horas vou sair numa missão.

— Você me pedir *bença* é sua obrigação, mas vinculando um motivo me causa apreensão. Esse velho lobo do mar já enfrentou furacão: ou volto com o meu navio, ou morro junto ao timão. Seja lá o que vá fazer, faça com determinação; você não veio para o mar, mas também serve à nação. Sei o filho que criei e o seu comandante também, não lhe daria as divisas se não fosse pela lei; enfrente a vida com honra, dá forma que te ensinei, e a morte com coragem, pois tu és bravo, eu bem sei. E se Deus Onipotente quiser te levar, a bandeira será o meu presente; e com orgulho vou guardar.

No pátio do batalhão, uma companhia aguardava instrução; com seus quatro pelotões, mais os tenentes e sargentos, mantidos em formação. O filho do velho marujo passou a tropa

em revista, sentindo nos ombros o peso da patente de capitão.

— Você é dos meus o melhor Oficial, quis assumir o comando, mas pra mim você fez mal. Eu vejo naquele matuto uma pessoa de bem, com exceção dos soldados, os caras que ele matou eu mataria também. Você pediu a tarefa, escolheu os homens, armas e munição; vá e lute com honra, mas acabe com ele, ou o traga pra prisão. Vai ser a batalha mais dura e esperada do momento, só não traga vergonha para o nosso regimento — Disse o gordo que ostentava a patente de major, já banhado de suor.

— Comandante, eu não sou de muita prosa, ou cumpro minha missão, ou volto num caixão.

E a tropa foi marchando, qual parada militar, mas já no pé do morro começaram a se dispersar.

O alcaguete que seria pago para o criminoso mostrar tremia de tanto medo que precisou se limpar e, quase gaguejando, começou a falar:

— Capitão, eu não quero te assustar, mas nenhum desses soldados são homens para lutar. Veja o que acontece à sua frente, estão todos se escondendo, de soldado a tenente; e isso sem contar que nem um tiro sequer foi ouvido no lugar. Se aceita o conselho de um medroso declarado, meu conselho é voltar.

— Já que confessa seu medo, não vou nem comentar; diga apenas o nome que ele está a usar?
— Disse o Capitão, esperando muito dos homens na hora de lutar.

— Esse negócio de muitos nomes, é tudo invenção, Tião só usa esse nome porque não tem certidão; mas é homem de palavra e coragem que não falha, assim que subirem o morro, vai começar a batalha.

— Ninguém morre antes da hora e não me julgue por você, que deve até fugir do que não vê. Mas se veio até aqui, no intuito de receber, ou me mostra esse Tião ou eu mando te prender.

— Vou mostrar e sair, e não vou ficar para ver; pois atacar o Tião é pedir para morrer — disse o rapaz, começando a chorar, não mais querendo ir, e só pensando em voltar.

— Vai do meu lado e me mostre o barraco onde se esconde o coitado, depois se esconda num canto e controla esse pranto.

Pulando de tronco em tronco, correndo de pedra em pedra, saltando de buraco em buraco, subiu a tropa a ladeira, até avistar um barraco.

— É aquele! O primeiro da frente, Tião diz que é a guarita, a porta da comunidade, a proteção de verdade.

Enquanto o rapaz deitava no chão, a tropa se aproximava e Tião no seu barraco pra sua mulher falava:

— *Muié* eu *tô* numa enrascada, acho que *prepararu* pra mim uma emboscada!

Mal ele tinha falado e o capitão gritou quase igual um delegado:

— Tião, você está cercado! Eu vim pra te levar preso ou até para matá-lo.

— Sem intenção *di disafiá*, mas pra *sabê* como *chamá*; posso *sabê cum* quem falo? — respondeu Tião num estalo.

— Capitão Celera, um soldado de carreira, comandante da missão.

— Capitão, eu nunca *inganei* ninguém, agradeço *si agi num mi inganandu tumbém*.

— Eu sou homem de palavra, pergunte o que quiser e terá resposta clara.

— *Prá móde* eu *sabê*, sem *querê lhi ofendê*, poderia *mi dizê quantus home qui é qui vêm*?

— Aqui têm cento e cinquenta homens, todos treinados em combate, e é minha obrigação evitar que um lhe mate sem qualquer necessidade. É uma tropa de elite, com armas e munição do melhor que hoje existe.

— Eu *sô* um *nêgo* só, *cum* munição contada, *num* posso *disperdiçá* pra *acabá quesa* cambada.

Mais *si mi cabá* as *bala*, vai *di* faca ou *di inxada* e vai ter tripa *isparramada*.

— Melhor sair agora e ir para a prisão, do que descer esse morro carregado num caixão — deu aviso o Capitão.

— Se é assim que quer o Capitão, *deixemu* de lengalenga, vou *sai* do meu barraco e acaba com essa pendenga.

— Então, que assim seja. Venha pro campo da honra e permita que eu te veja.

— Vejo que *é home di corage i* num é *quarquar* um, mas num *si isqueça*, Capitão, *qui* quem já *matô* cem, pode *matá* mais um.

— Tião, ou você vai em cana, ou pra debaixo da terra; e aqui nossa conversa encerra.

— Eu *tumbém* num quero meu fim é só o Capitão *fazê di vorta* o seu *camim*, pois sei que quando eu *sai* você vai *está suzim*.

— Tião, você não vai deixar mais mortes em seu caminho, hoje eu te levo preso ou o mato, mesmo sozinho. Agora abra essa porta e prepara pra sair, ou mando uma granada e a ponho pra cair.

— Você sabe, Capitão, *qui* eu faço opinião *di num mi intrega* a prisão; morto sim, mas preso não. Si lança essa granada é mata um meu *fiím* eu

deço desse morro e, lá embaixo, vai *se* uma guerra sem fim.

— Tião, bravata não me põe medo e não quero escutar. Sem levando você preso, ou o corpo pra mostrar; eu garanto pra você que não deixo esse lugar. Não vou lançar a granada, mas pode se preparar, que eu vou subir aí pra te pegar.

— Vai *u úrtimo conseio*, vá pra casa sem receio e me deixa aqui em *paiz* cuidando dos meus *fiím*, ou assim *qui nois si topá*, vai *sê u* seu fim.

Quando o Capitão rodeou o barraco, já não encontrou o Tião, apenas algumas crianças deitadas pelo chão e uma mulher de joelhos, rezando com devoção. Novamente do lado de fora, olhou pra todo lado, procurou em cada canto, e não viu nenhum soldado.

— *Óia* Capitão, num adianta *prucurá*, você veio *pur* um lado e eu fui pelo *di* lá, todo cabra que encontrei começou a se *mijá*, correndo morro abaixo e sei *qui num* vão *vortá*. Mais parecia *inxurrada* ou uma tropa de burrada deixando esse *lugá*.

Tião levantou a arma engatilhada no rumo do Capitão, que não tremia de medo, mas de raiva da deserção.

Os dois atiraram juntos e a bala do Capitão passou raspando em Tião, mas esse foi mais certo, bem próximo do coração.

O Capitão desabou, Tião se aproximou e bem de perto falou:

— Esse *terrero* só tem um galo, *i si* num *qué qui* eu termine *di ti mata*, começa a *cacarejá*.

— Mesmo caído e ferido nunca vou pedir arrego, aponte pra minha testa e puxe logo esse dedo.

— Eu avisei Capitão, cadê as *força* que tinha, *chegaro* aqui *iguar* galo e *fugiru* *comu* galinha. Eu *táva mi discançano i viero mi aborrecê*, agora *u qui lhi* resta é *rezá* para *morrê*.

— Ó meu Pai Poderoso, eu sempre fui bom filho, pai e esposo e sempre levei a vida com fama de corajoso; a honra que carrego é o meu maior tesouro, não me falhe nessa hora ou eu morro desgostoso.

Enquanto o outro se preparava pra terminar o começado, o bravo Capitão guardou a arma no coldre, ajeitou a farda com orgulho e olhou para o Tião.

Nisso, saiu a mulher e viu o ensanguentado; sem soltar um só gemido, caído quieto e calado.

— Não o mate, meu marido, pois é covardia *matá home* ferido.

— Pra ele *façu* um *favô* e se o mato é por respeito; fosse eu o derrotado não queria doutro jeito.

— Minha senhora eu agradeço essa sua intervenção, mas sem querer lhe ofender; seu marido tem razão. Ele prefere a morte a ir para a prisão e eu prefiro morrer depois da decepção; ver seus homens desertando fere a honra de um Oficial em comando, e viver perde a razão.

— Eu *num* sei *falá in* honra, *mais tenhu* dignidade, tive filhos com Tião, pois é *home di verdadi*; mais *si* ele *matá* um ferido só vai *sobrá piedadi* — respondeu a mulher com muita emoção, enquanto apertava um terço em sua mão.

— *In briga di dois home muié* não vem *si metê*; *pur* certo lá *in* casa, não tem mais o *qui fazê*.

— *Si matá* esse home é *mió mi* *matá tumbém*, pois só vivo com o Tião *qui* aprendi *respeitá*, *i* não *cum* esse *home qui* um ferido *qué matá*.

Tião se pôs a pensar e em instantes voltou a falar:

— Vou *ouvi* minha *muié*, *pois fais parti* da minha honra a *famia preservá*. Vai *simbora* Capitão é só desce essa *tria*, vá rever sua *famia i num vorte* nesse *lugá*.

O Oficial se pôs em pé com muita dificuldade, começou a caminhar pensando em dignidade. A cada passo que dava a cabeça mais baixava, voltar sem os seus homens era o que mais lhe pesava. Relembrou o velho pai, que sequer sem navio voltava. Como podia ele voltar sem a tropa que comandava?

À medida que caminhava, para traz o morro deixava e em sua frente enxergava os mais negros caminhos. A imagem do espadim, o símbolo da autoridade, da honra e da dignidade partido em pedacinhos.

Apoiado numa pedra, com sangue escreveu nela uma palavra deserta. Tirou do cinto a pistola, enfiou o cano na ferida aberta e para acabar com o martírio acionou o gatilho.

Nem ele ouviu o tiro, abafado contra o peito, só lhe veio um pensamento como último suspiro e caiu sem um gemido: “Lamento a minha sorte, mas ao menos da minha morte Tião está protegido”.

Sem saber do sacrifício do nobre Capitão, com muita emoção, Tião da família se despedia:

— Agora eles *sabe quem sou eu i ondi mi incontrá* e pra *mode protegê oceis é fugi ou mi matá*.

E ninguém mais ouviu falar de Tião naquela região. Chico Testa, virou lenda nas favelas da cidade, um santo protegendo o bairro da Morte Certa.

Na pedra que marca o túmulo do Capitão, ainda se pode ler “HONRA” escrito por sua mão.



**VISITAS
DO
NATAL**

**A lenda do
OURO DADO**

Vinícius Tadeu